

# MULHERANDO O MUNDO: ENFRENTAMENTO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO COMO PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL POR MEIO DE PODCASTS

Maysa Aparecida Goronski<sup>1</sup>  
Natália Lampert Batista<sup>2</sup>

**Resumo:** Pensar a valorização da mulher e as questões de gênero é fundamental para o ensino de Geografia, porque permite dar visibilidade a urgente e a emergente temática feminista. Os *podcasts*, neste contexto, podem ser uma interessante estratégia didática para evidenciar essas questões no espaço escolar, relacionando-os aos conteúdos curriculares da componente curricular Geografia. Os objetivos desta pesquisa, tencionaram-se em evidenciar o enfrentamento das violências e gênero nas escolas e no ambiente vivido e, a partir disto, identificar a problemática da violência de gêneros em suas principais interfaces, em nível local, regional e nacional e reconhecer a problemática da violência de gênero na turma de 8º ano, da EMEB Dr. Ulysses Guimarães para, com base nisso, desenvolver uma proposta metodológica pautada em podcast para debates, reflexões e enfrentamento da desigualdade de gênero. Ademais, avaliou-se a eficiência da metodologia desenvolvida, demonstrando a potencialidade das Geografias Feministas no enfrentamento da violência de gênero e no empoderamento das meninas das turmas. A pesquisa foi caracterizada como uma pesquisa-ação e teve, deste modo, como público da pesquisa meninas e meninos do 8º ano de uma escola de Santa Catarina. Além disso, utilizou da Análise Textual do Discurso (ATD) como ferramenta de interpretação dos *podcasts* desenvolvidos com as(os) estudantes nas aulas de Geografia. Neste sentido é possível notar que a pesquisa contribui e contribuiu com o empoderamento feminino, com a valorização de mulheres com destaque em múltiplas áreas, com o enfrentamento da violência de gênero e sobretudo com a valorização e ampliação da autoestima das meninas participantes da pesquisa.

Palavras-chave: Geografias Feministas; Feminismo; Ensino de Geografia; *Podcast*.

## WOMANIZING THE WORLD: TACKLING GENDER INEQUALITY FROM THE PERSPECTIVE OF ELEMENTARY SCHOOL GEOGRAPHY THROUGH PODCASTS

**Abstract:** Thinking about the valorization of women and gender issues is fundamental to the teaching of Geography, because it makes it possible to give visibility to the urgent and emerging feminist theme. Podcasts, in this context, can

---

<sup>1</sup> Professora efetiva na rede municipal de educação de Caçador/SCe Mestre pelo Mestrado Profissional de Ensino em Geografia em rede Nacional (PROFGEO), no Instituto Federal Catarinense (IFC) campus Brusque/SC. E-mail: maysa.goronski@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora Adjunta no Departamento de Geociências e no PPPGeo da UFSM. Docente credenciada no Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional, vinculada ao polo do Instituto Federal Catarinense (IFC), Brusque/SC. E-mail: natalia.batista@ufsm.br.

be an interesting teaching strategy to highlight these issues in the school space, relating them to the curricular contents of the Geography curricular component. The objectives of this research aimed to highlight the confrontation of gender-based violence in schools and in the lived environment, and from this, identify the problem of gender-based violence in its main interfaces at the local, regional, and national levels. Furthermore, to recognize the issue of gender-based violence in the 8th grade class at EMEB Dr. Ulysses Guimarães, and based on this, develop a methodological proposal centered on podcasts for debates, reflections, and addressing gender inequality. Additionally, the efficiency of the developed methodology was evaluated, demonstrating the potential of Feminist Geographies in confronting gender-based violence and empowering girls in the classes. The research was characterized as action research and, therefore, the research audience was girls and boys in the 8th year of a school in Santa Catarina. Furthermore, it used Textual Discourse Analysis (ATD) as a tool for interpreting podcasts developed with students in Geography classes. In this sense, it is possible to note that the research contributes and has contributed to female empowerment, with the valorization of women who stand out in multiple areas, with the confrontation of gender-based violence and above all with the valorization and expansion of the self-esteem of the girls participating in the research.

Keywords: Feminist geographies; Feminism; Teaching Geography; Podcast.

## INTRODUÇÃO

Toda vez que uma menina tem menos incentivo para fazer algo considerado “de menino”, os estereótipos de gênero funcionam como um freio para todas as possibilidades de aprendizagem que poderiam delinear outro futuro para ela. (Lins; Machado; Escoura, 2016. p.19).

O ensino de Geografia segue, em geral, as teorias e as metodologias do pensamento da ciência geográfica escolar brasileira, a qual é pautada, predominantemente, por um raciocínio eurocêntrico, o que reflete na produção do currículo e na prática em sala de aula. Isso faz com que o currículo ou o ensino deixem de lado a diversidade existente na sociedade, pois muitas vezes não abrangem metodologias formuladas para mulheres.

Dentro do ensino as mulheres aparecem ou são representadas em segundo plano. Por outro lado, a partir das décadas de 1970 e 1980, as pesquisas das Geografias Feministas vêm crescendo muito, tornando-se emergentes e proporcionando transformações nesse pensamento já estabelecido. Por isso, estas mudanças também precisam estar contidas nos currículos da Geografia do Ensino Básico (Fundamental e Médio). Essas adequações consistem na produção de um conhecimento que propicie a abordagem de gênero, a inclusão de mais geógrafas e suas relevantes contribuições para a Geografia, a não utilização de linguagem sexista e a adoção de um viés decolonial, valorizando todos os conhecimentos e potencializando o respeito à diversidade sexual, de credo, de raça, de renda, entre outras. Se nos currículos contemporâneos os gêneros são relegados a segundo plano, como aborda Silva (2009, p. 76), “Trabalhar a inexistência, a falta, implica investigar o seu contrário, a existência” e instigar a presença de tão relevantes assuntos na sociedade.

É preciso que os currículos reflitam e abordem contextos diversos e atuais, com uma valorização de todos os conhecimentos, principalmente de grupos ditos “inexistentes” para o espaço geográfico, portanto, esse conhecimento que é marginalizado e inviabilizado, deve ser organizado com base na produção científica e escolar padrão e conservadora, e organizá-los com base em questionamentos e tensionamentos das identidades socialmente produzidas e representadas, e não apenas nas teorias tradicionais. Como cita Silva (2001, p. 16), “As teorias do currículo estão no centro de um território contestado” e, quando pensamos em contestar, associam-se às minorias sociais que não possuem um espaço hegemônico de disputa por visibilidade, estando em constante luta por direitos, como por exemplo, as mulheres em suas multiplicidades.

A partir disso, o currículo escolar precisa garantir o acesso e a transformação do espaço escolar em prol da diversidade e do respeito à diferença. O currículo não pode ser meramente tecnicista e pautado em conteúdos mensuráveis, mas deve permitir a inserção do outro, de seus dilemas e contextos em face da inclusão das subjetividades humanas.

Essa pesquisa teve como objetivo estudar as contribuições da Geografia Feminista para a componente curricular Geografia, no Ensino Fundamental, como perspectiva para o enfrentamento da violência de gênero e para a valorização das mulheres em diferentes contextos. Esse tema ganha forma a partir de algumas observações sobre reprodução de comportamentos sociais, advindos de uma cultura da nossa sociedade que é pautada pelo patriarcado.

De acordo com Tiburi (2018, p. 59), tal conceito “[...] representa a estrutura que organiza a sociedade, favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecido”, ou seja, o patriarcado é capitalista, machista e racista; favorece alguns, leia-se homem hetero branco, predominantemente, em detrimento da maioria, e fomenta intencionalmente a desigualdade de classe, de gênero e de raças.

Como professora, observo essas reproduções no ambiente escolar quando as(os) estudantes são tratadas(os) de formas desiguais devido ao seu gênero, como por exemplo, a atenção maior às vestimentas das meninas, às suas falas e comportamentos. Isso também é visível por meio das diversas divisões sexistas e pelas falas impróprias por parte de colegas de trabalho sobre as(os) estudantes em geral, além das histórias relatadas pelas(os) estudantes sobre as desigualdades vivenciadas, como assédios sofridos na rua, terem uma menor liberdade em casa em relação aos irmãos homens, e alguns relatos de abusos sexuais que suas mães, tias, ou elas mesmas já sofreram.

Estas observações foram realizadas na EMEB Dr. Ulysses Guimarães, em Caçador/SC, onde uma parcela das meninas reproduz a vivência de suas famílias, como por exemplo: engravidar na adolescência, abandonar os estudos e não apresentar perspectivas para seu futuro além da obediência aos homens e ao casamento. Essa reprodução familiar leva essas meninas a se tornarem mulheres sem independência financeira ou emocional, podendo ser submetidas a muitas violências. A misoginia, disfarçada de brincadeira, potencializa a problematização da temática e faz saltar aos olhos a necessidade do enfrentamento da violência de gênero no espaço escolar.

A Geografia, como ciência crítica e reflexiva, e seu ensino, como fomentador de tensionamentos das problemáticas sociais, tem papel relevante neste processo. Assim, surgem algumas indagações, uma delas é o porquê de se abordar as

desigualdades de gênero no ensino de Geografia? É possível haver uma pequena mudança no local, a partir dessas abordagens?

Ao se observar cenário atual da sociedade e do ensino de Geografia, vê-se necessária uma abordagem que permita o enfrentamento da desigualdade de gênero. Conforme Judith Butler (1998), identidade de gênero é uma construção social e histórica que, por muitos, é diminuída erroneamente ao sexo biológico. Gênero não é estável, é uma representação social. Gênero não é opção, é identidade individual e coletiva. Esta construção social, por muito tempo, definiu apenas o “ser homem” e o “ser mulher” com base no sistema patriarcal (sistema sociopolítico que coloca o homem em *status* de poder) e “ser mulher” passou a ser visto e tratado como um gênero inferior, o que potencializa o surgimento de diversas desigualdades.

É importante ressaltar que hoje são reconhecidas as seguintes identificações de gêneros: pessoas cisgêneros (nascem e se identificam com seu sexo biológico), transgêneros (não se identificam com seu sexo biológico, e sim com o oposto) e não binários (pessoas que não se identificam com a construção social homem e mulher) (Lins; Machado; Escoura, 2016; Vieira, 2018)

Como a desigualdade de gênero é um fator cultural que está presente, ainda, em muitos espaços da sociedade, é importante discuti-lo no espaço escolar (parte desse espaço também a reproduz), e trazer novas percepções acerca do tema, a fim de analisá-lo com criticidade dentro do ensino. Neste sentido, elencar e explicar que há e houve muitas mulheres com significativo destaque para a construção da sociedade e do espaço vivido, reverbera o potencial feminino na construção do espaço geográfico, bem como demonstra que as mulheres podem e devem ter sua voz ouvida e se inserirem nos espaços de debate e enfrentamento das múltiplas formas de violência de gênero.

De acordo com Lins, Machado e Escoura (2016, p. 100), “[...] as diferenças se transformam em desigualdade e marcam a experiência das pessoas”. Assim, é preciso que as diferenças estejam ao lado da igualdade, ou melhor, ao lado da equidade, pois é preciso reconhecer os direitos e necessidades individuais. Sendo assim, o espaço escolar precisa reforçar em seus planos e projetos em uma escola igualitária que valorize as diferenças.

A desigualdade de gênero enfrentada pelas mulheres na sociedade está atrelada à cultura e à vivência, o que gera muitas violências, traumas e discriminações. Toda essa problemática precisa ser combatida em prol de contextos escolares mais voltados à inserção equitativa das(os) estudantes.

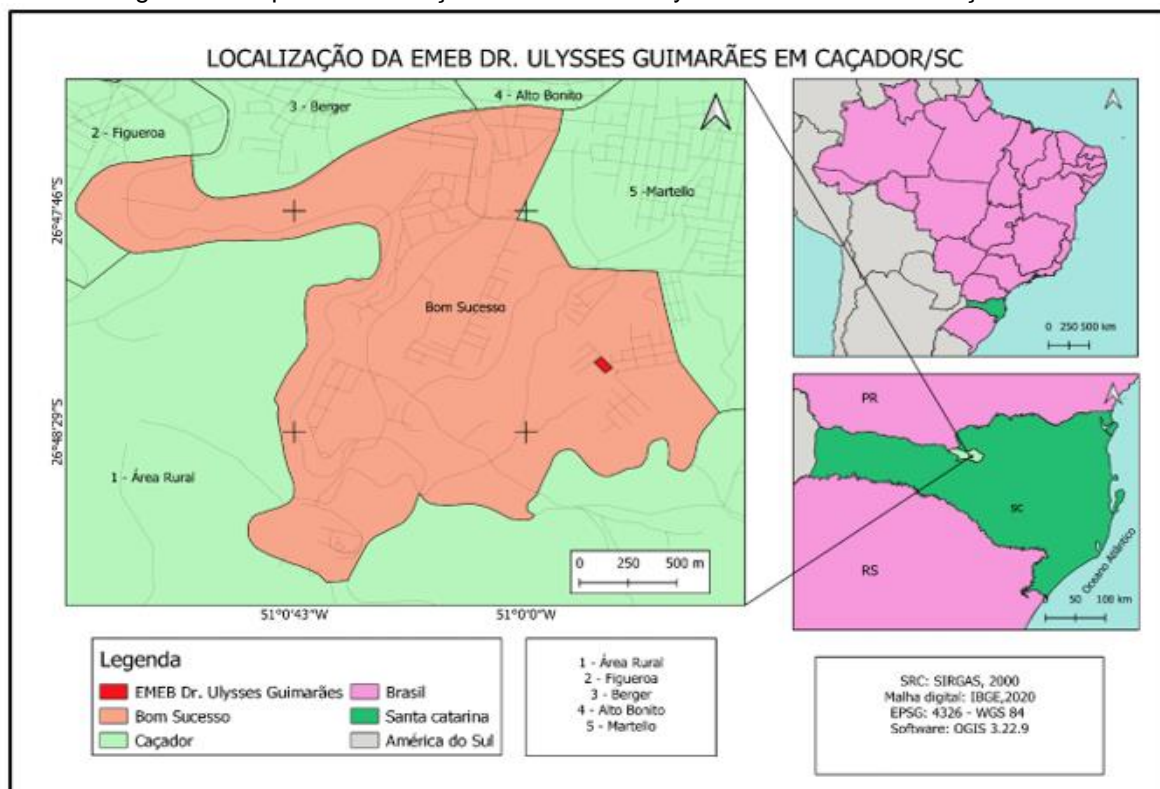
Devido a essas características e arguição, a proposta de pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida na linha de pesquisa “Saberes e conhecimentos da Geografia no espaço escolar”, do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO). A aplicação deste projeto efetuou-se a partir da aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 68201323.4.0000.5346. Entende-se que os saberes e conhecimentos da Geografia, no espaço escolar, devem ultrapassar as Diretrizes Curriculares escritas e pautadas nas listas de habilidade, competências e, por vezes, conteúdos que são propostos para cada idade e ano. Esses saberes e conhecimentos são atravessados e entrelaçados nas dinâmicas sociais emergentes e nos desafios cotidianos das(os) estudantes e docentes. É relevante pensar as problemáticas explícitas no currículo, mas também é urgente pensar as problemáticas socioespaciais pelas quais as escolas, estudantes e docentes são atravessados diariamente.

Pensar a problemática da desigualdade de gênero, neste íterim, é pensar os dilemas cotidianos das meninas e mulheres que se desafiam cotidianamente a serem quem são nos espaços públicos e privados de Caçador, SC. Em vista disso, a pesquisa pretendeu entender como a abordagem sobre as potencialidades de ser mulher e do enfrentamento da desigualdade de gênero vivida pelas mulheres na sociedade, nas aulas de Geografia no Ensino Fundamental, pode colaborar com a emancipação feminina em Caçador/SC?

Os objetivos desta pesquisa, tencionaram-se em evidenciar o enfrentamento das violências e gênero nas escolas e no ambiente vivido e, a partir disto, identificar a problemática da violência de gêneros em suas principais interfaces, em nível local, regional e nacional e reconhecer a problemática da violência de gênero na turma de 8º ano, da EMEB Dr. Ulysses Guimarães para, com base nisso, desenvolver uma proposta metodológica pautada em *podcast* para debates, reflexões e enfrentamento da desigualdade de gênero. Ademais, avaliou-se a eficiência da metodologia desenvolvida, demonstrando a potencialidade das Geografias Feministas no enfrentamento da violência de gênero e no empoderamento das meninas das turmas.

Como objeto de estudo e aplicação da pesquisa, o foco foi com a turma do oitavo ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) Dr. Ulysses Guimarães de Caçador/SC, localizada conforme a Figura 1. Na escola foi explanada a pesquisa sobre o enfrentamento da desigualdade de gênero no ensino de Geografia, no intuito de instigar a produção de discussões, análises e pesquisas feitas pelas(os) estudantes.

Figura 1 - Mapa de localização da EMEB Dr. Ulysses Guimarães em Caçador/SC



Fonte: Goronski, 2024.

Como produto educacional, foi elaborado um *podcast* com as(os) estudantes, denominado “*Pod Mulherar o mundo*”. O nome do *podcast* tem o intuito de produzir uma intertextualidade com a frase “pode melhorar o mundo”. Sendo assim, quando conseguirmos “*mulherar o mundo*”, teremos um mundo com menos desigualdades e mais representatividade. Podcasts “são documentos de áudio gravados por uma ou mais pessoas e utilizados para debater assuntos, ensinar algo novo e, falar sobre variedades de temáticas” (Brands et al., 2022, p. 8). Assim, “O termo *podcast* resulta da junção dos termos *Ipod* (dispositivo de reprodução de áudio/vídeo da Apple) e *broadcast* (método de transmissão ou distribuição de dados), onde um ficheiro áudio é denominado de *episode* (episódio)” (Cruz, 2009, p. 66).

O propósito do *podcast* foi discorrer sobre as mulheres destaque para a história do mundo e do Brasil, como Geógrafas e sobre mulheres locais, abordando suas trajetórias, sua contribuição para a construção da sociedade em geral. Além disso, o *podcast* traz ainda as percepções das(dos) estudantes sobre essas vivências, fomentando a valorização da mulher, demonstrando que elas podem estar onde desejam, e contribuindo para a redução da misoginia e enfrentamento da violência de gênero, por meio do empoderamento feminino. Pretendeu-se que as(os) estudantes desenvolvam um olhar crítico sobre as desigualdades de gênero e demonstrar que é possível ir contra o que parece ser pré-determinado na sociedade, bem como buscar valorizar mulheres referência em múltiplas áreas do saber e inspirar as meninas a serem o que elas desejam e sonham.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino de Geografia, muitas vezes, é pautado apenas no que está presente na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018) e nos livros didáticos, os quais deixam de dar ênfase para assuntos pertinentes do cotidiano, que devem ser analisados de forma crítica. O currículo, hoje, precisa ser organizado com base em questionamentos, e não apenas nas teorias tradicionais. É preciso ter em mente que se está construindo identidades e, um currículo que não tem perspectiva crítica, passa a excluir movimentos, espaços e as próprias identidades.

Como cita Silva (2001, p.16), “Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder”. O currículo é construído a partir de escolhas e, muitas vezes, essas escolhas partem de quem detém o poder e domínio sobre o território. Em uma sociedade capitalista, os currículos muitas vezes beneficiam essa parte da sociedade – leia-se homens hetero e brancos –, deixando de lado a multiplicidade.

Junto à BNCC, há os Temas Transversais Contemporâneos (TCTs), que elencam alguns desses assuntos do cotidiano:

Os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) têm a condição de explicitar a ligação entre os diferentes componentes curriculares de forma integrada, bem como de fazer sua conexão com situações vivenciadas pelos estudantes em suas realidades, contribuindo para trazer contexto e contemporaneidade aos objetos do conhecimento descritos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2019, p. 3).

Esses temas são divididos em macro áreas temáticas, entre elas estão: multiculturalismo, economia e cidadania e civismo. No entanto, os TCTs não trazem os temas de uma forma direta, mas sim, de maneira mais ampla, abrindo diversas possibilidades de abordagens. Isto faz com que a abordagem da desigualdade de gênero seja uma possibilidade dentro do ensino de Geografia, contudo, ainda é um arcabouço muito vago. Dessa forma, algumas(uns) professoras(es) irão abordar esses temas, mas tantas(os) outras(os) não, por não compreenderem a sua importância, uma vez que não é explícito nos documentos curriculares.

De acordo com Lins, Machado e Escoura (2016), uma ação necessária nas escolas seria prever, no projeto político pedagógico, as abordagens sobre gênero, uma vez que o espaço escolar teria mais diversidade e menos preconceitos, o que, com o tempo, possibilitaria ir mudando algumas percepções e culturas enraizadas dos(as) estudantes. Para que isso ocorra, é preciso que o corpo docente saiba, de fato, o que é a questão de gênero, que esteja engajado e que tenha cursos de formação continuada para essa área.

Além disso, para que ocorra a inclusão de temas transversais ou do cotidiano no ensino de Geografia, segundo Cavalcanti (2019), é preciso que o ensino tenha “concepções socioconstrutivistas”. Segundo a autora, a educação conteudista é exata e, para uma educação geográfica questionadora, ressalta-se o papel da(o) professor(a) como mediador(a) e da(o) estudante com mais criticidade e autonomia. Ela ainda destaca que, no ensino de Geografia, é preciso atentar-se para as diversidades que há no ambiente escolar. Quando abordamos diversidades, elas estão presentes principalmente nos grupos marginalizados e invisibilizados.

Ainda, para a autora, é importante entender que cada lugar tem sua particularidade (cultural, econômica, social) e, a partir disso, o ensino necessariamente precisa ser diverso. Portanto, a(o) professor(a) precisa estar aberto ao diálogo, entender que o espaço de vivência interfere nas aulas, e deixar claro a importância da Geografia. Uma das formas de mudar a abordagem no ensino de Geografia é torná-lo mais humano e inclusivo, como afirma Santos e Nascimento (2021):

Isso mostra a necessidade da formação continuada para professoras e professores para que estejam preparados para lidar com situações que vivenciam diariamente, como por exemplo, preconceito, racismo, homofobia, sexismo, entre outras, por falta de referências, visto que para discutir essas temáticas requer estudo e preparo (Santos; Nascimento, 2021, p. 14).

Sendo assim, educadores precisam ter proatividade para procurar conhecer e estudar esses temas contemporâneos e trazê-los para discussão em sala de aula. Mas, para isso, é preciso ir contra o padrão estabelecido na sociedade (capitalista, machista e racista); é preciso dar voz as(aos) estudantes e incluí-los(as) no processo educacional, principalmente os grupos normalmente marginalizados. Como defende bell hooks<sup>3</sup> em seu livro “Ensinando a transgredir”:

[...] os professores são mais recompensados quando seu ensino não vai contra a corrente. A opção por nadar contra a corrente, por desafiar o *status quo*, muitas vezes tem consequências negativas. E é por isso, entre outras coisas, que essa opção não é politicamente neutra (hooks, 2017, p. 267).

---

<sup>3</sup> A autora opta por ter seu nome escrito em minúsculo devido a seu posicionamento político frente ao ego intelectual.

Portanto, cidadania não é apenas seguir regras morais ou ter o direito ao voto, cidadania é ter direito de pertencimento ao lugar vivido, ter qualidade de vida – moradia, alimentação, educação, saúde –, é poder transitar nos espaços públicos e privados com segurança, é ter consciência ampla do mundo ao seu redor e conseguir fazer uma análise crítica. Como apontam Cavalcanti e Souza (2014, p. 5), “[...] cidadania como exercício do direito a ter direitos, que cria direitos no cotidiano, na prática da vida coletiva e pública”. A autora e o autor, ainda defendem que a cidadania deve ser uma prática coletiva, com inclusão social e diversidade.

[...] pode-se atribuir à escola a responsabilidade direta e indireta com a cidadania. Direta, quando ela possibilita às pessoas a construção do conhecimento e a tomada de uma consciência crítica sobre a realidade. Indireta, quando se crê que o saber e a consciência crítica possibilitam outras práticas capazes de mudar a realidade. (Cavalcanti, Souza, 2014, p. 6).

Sendo assim, a escola tem papel importante para a formação cidadã, ela precisa promover situações que possibilitem a(o) estudante a um pensamento crítico, em que consiga fazer comparações, analogias e argumentações.

Ribeiro, Catrinck e Magalhães (2021) defendem uma educação freiriana, elencando o que Paulo Freire escreveu sobre a *inexperiência democrática*, que é um reflexo do período colonial, seguido da ditadura militar, tornando a democracia instável e, conseqüentemente, formando cidadãos pacíficos e servis. Isso vem ao encontro do que é abordado por Pereira (2016, p. 178), “[...] os indivíduos pagam o preço da alienação de si, do anestesiamiento de si”. Entretanto, quando se faz a educação transformadora e democrática, se abala a estrutura do “poder”, pois essas pessoas podem perder o *status quo*, sendo assim, para eles não é interessante a massa populacional ser pensante e questionadora.

A educação deve levar em conta todas as subjetividades e, como cita hooks (2017, p. 273), é preciso “[...] uma educação como prática da liberdade”. Ao incluir o enfrentamento à desigualdade de gênero no ensino de Geografia, também está sendo envolvida uma educação cidadã e libertadora. Ao abordar esse assunto, é preciso analisar o “espaço de vivência”, “lugar” e “cultura”, que pode ser escolar, da escola ou das(os) agentes (estudantes). Trabalhar o espaço de vivência das(os) estudantes é uma ótima maneira de instigar as(os) mesmas(os) a pensarem, refletirem, questionarem. Dessa forma, estar próximo da realidade delas(es) torna mais fácil alcançar o conhecimento.

Conforme Chimamanda Ngozi Adichie (2015, p. 48): “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”. A modificação que almejamos é essa cultura patriarcal que inviabiliza, marginaliza, exclui e é violenta com as mulheres na sociedade. Mas, é preciso tornar esses assuntos visíveis e discutidos nos ambientes escolares, onde a(o) estudante consiga refletir com criticidade e se sinta confortável em trazer para discussão suas vivências ou percepções sobre seu espaço vivido.

A abordagem de questões de gênero, no ensino de geografia, é quase imperceptível. Normalmente, está presente em assuntos populacionais, como fecundidade, pirâmides etárias, questões econômicas, contudo, se a(o) professor(a) não dar ênfase para as questões de gênero, essas questões não serão analisadas



de forma crítica pelos(as) estudantes, que não irão perceber as desigualdades existentes.

[...] a ausência de uma abordagem que considere outras formas para se pensar o gênero para além daquelas indicadas nos estudos populacionais, por exemplo. Significa reforçar o aspecto político do tema, sua pertinência para o ensino e a sua relação com a Geografia, por meio de uma compreensão dos conceitos e categorias para que a mediação didática de professoras/es consiga a sua inserção em sala de aula e na escola (Morais, 2022, p. 62).

Ainda, Moraes (2022), em sua dissertação, faz uma análise de livros didáticos, em que percebe a ausência de uma discussão mais aprofundada sobre gênero. Além disso, as imagens utilizadas para representar as mulheres, muitas vezes, são estereotipadas, mostrando as mulheres sempre nos mesmos espaços de vivências. A autora também faz entrevistas com professoras da rede básica e, a partir de sua análise, percebe-se que há o interesse da abordagem desse tema, mas muitas vezes falta o conhecimento e aprofundamento do assunto ou, ainda, há medo, devido a ser um assunto polêmico para o momento político que vivemos.

É preciso pensar gênero para além dos conteúdos pré-estabelecidos nos currículos. A abordagem pode referir-se aos espaços de vivências, sejam públicos ou privados, pode acontecer através da construção do espaço a partir das mulheres, da relação das violências sofridas com a organização social. Para Moraes (2022, p. 138), precisa-se do “[...] reconhecimento de que a educação está repleta e é estruturada pelas relações de gênero” e, a partir disso, envolver todos os(as) sujeitos(as) neste aprendizado. É fundamental a formação de cidadãos e cidadãs críticos(as) e a possibilidade de pensamentos feministas no ensino.

Para além destas discussões, será abordada, na versão final da pesquisa, a utilização de *podcasts* como práticas em sala de aula e como uma alternativa didática para o ensino da Geografia com maior interação por parte dos(as) estudantes. Freire (2013), aborda em sua tese:

[...] busca-se expor o *podcast* como mote de estratégias pedagógicas de inserção de vozes comumente excluídas na escola; de resgate de temas esquecidos e/ou proibidos; da substituição de valores negativos “a priori” pelo debate, este pautado pela busca da liberdade de posicionamento aos Sujeitos inseridos na escola. (Freire, 2013, p. 177)

Portanto, as atividades com *podcasts* não substituem as aulas expositivas e tradicionais, mas serão muito relevantes, principalmente abordando a temática de enfrentamento da desigualdade de gênero. A desigualdade de gênero é um assunto com muitos tabus envolvidos e ao ser trabalhada no ensino, muitas vezes é abordada de forma superficial, já a atividade com o *podcast* proporcionará debate, posicionamento, e relatos vividos.

Neste sentido, produzir *podcast* na educação básica, é dar voz aos estudantes e as muitas histórias que queiram contar, é incentivar a pesquisa e o conhecimento, mesmo que para eles e elas possa ser diferente, ou que eles enxerguem como esquisito, mas, aos poucos vão mudando sua visão sobre os espaços vividos pelas diferentes pessoas.

Sendo assim, é preciso que as questões de gênero e o enfrentamento das desigualdades de gênero estejam na Geografia e no ensino desta ciência. Dessa forma, torna-se mais forte a discussão geográfica pelo pensamento e vivências das mulheres, tornando o ensino na educação básica mais diversos e inclusivo, proporcionando a todas(os) os estudantes compreenderem o espaço vivido, o espaço geográfico e que esses espaços devem pertencer a todos, todas e todes.

## METODOLOGIA

De acordo com a metodologia científica, esta pesquisa, quanto à sua natureza, foi uma pesquisa-ação, pois pretende gerar novas estratégias de ensino de Geografia, com um tema transversal, e incluir as(os) estudantes neste processo, por meio da construção de um produto de comunicação. Além disso, ao mesmo tempo que a pesquisadora pesquisa, ela se constrói como docente. A pesquisa-ação teve como intuito uma participação abrangente das(os) estudantes e da própria pesquisadora. Conforme Maria Amélia S. Franco (2005, p. 490), a pesquisa-ação “[...] anula a possibilidade de uma postura de neutralidade e de controle das circunstâncias de pesquisa”, ou seja, a pesquisa modifica o espaço pesquisado, pois todos(as) estão envolvidos nela.

Quanto a sua abordagem, foi qualitativa, pois houve um levantamento de dados das(os) estudantes, a fim de analisar seus conhecimentos prévios e ideias acerca do tema desigualdade de gênero. De acordo com Minayo (2012, p. 623), “Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total”. Sendo assim, esta análise dos conhecimentos dos(as) estudantes proporcionou o início da abordagem da temática, pensando nas suas vivências.

Para selecionar o referencial bibliográfico, foi realizado um levantamento no Portal Periódico da Capes e no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), utilizando as palavras chaves: desigualdade de gênero, ensino, geografia, utilizando um filtro para artigos somente em português. Para além do levantamento de artigos, também houve um levantamento de livros pessoais, da biblioteca da EMEB Dr. Ulysses Guimarães em Caçador, Santa Catarina e da biblioteca virtual.

O público-alvo para o desenvolvimento desta pesquisa foi o oitavo ano do Ensino Fundamental II, com faixa etária de 12 a 14 anos. Neste ano, há uma habilidade no currículo que traz a possibilidade de encaixar a temática da pesquisa (EF08GE10). Além disso, na análise do material produzido, foram publicados apenas os áudios dos(as) estudantes com as devidas autorizações, seguindo os documentos e instruções previstos no Comitê de Ética, bem como alguns estudantes não utilizaram seus nomes nas gravações. Contudo, analisou-se todas as produções, sendo colocado em anexo os roteiros de todos os estudantes.

A partir dos *podcasts* produzidos, foi utilizada a metodologia de análise textual do discurso que deu corpo à pesquisa. A análise textual do discurso, de acordo com Moraes e Galiuzzi (2016), está atrelada ao conceito de fenomenologia, que busca a compreensão dos fenômenos a partir do mundo vivido do ser humano ou “[...] procura compreender o homem a partir da faticidade” (Moraes; Galiuzzi, 2016, p. 23). A fenomenologia investiga essencialmente a linguagem, pois é pela linguagem (escrita ou falada) que o ser humano manifesta seus pensamentos, culturas e ideais.

Essa metodologia possui quatro focos ou objetivos a serem seguidos, é importante ressaltar que ela é cíclica e não definitiva. Os focos são, conforme adaptado de Moraes e Galiuzzi (2016):

- **Desmontagem dos textos (áudios)** – que será examinar em detalhes os fenômenos e produzir unidades;
- **Estabelecimento de relações** – construir relações entre as unidades, formando conjuntos e categorias;
- **Captação do novo emergente** – junção dos focos anteriores, que possibilita explicitar a compreensão do todo, e que resulta em um “metatexto”;
- **Um processo auto-organizado** – é o ciclo de análise, em certa medida, planejado (Moraes, Galiazzi, 2016).

Nesta pesquisa, esses quatro focos foram alcançados por meio de áudios de *podcast* produzidos pelas(os) estudantes, que resultaram em um metatexto. Segundo Moraes e Galiazzi (2016), o metatexto é o produto de uma Análise Textual Discursiva, em que a pesquisadora descreve e interpreta o discurso e, assim, apresenta novas compreensões. A escrita de um metatexto é construtiva e vai sendo aprimorada e se atualizada ao longo do tempo, sendo assim, não é definitiva: “A escrita produz novas realidades” (Moraes; Galiazzi, 2016, p. 23).

Os metatextos são constituídos de descrição e interpretação, representando o conjunto, um modo de teorização sobre os fenômenos investigados. A qualidade dos textos resultantes das análises não depende apenas de sua validade e confiabilidade, mas é, também, consequência do fato do pesquisador assumir-se autor de seus argumentos. (Moraes; Galiazzi, 2016, p. 54).

Para a construção do metatexto, a partir dos *podcasts* das(os) estudantes, os áudios foram divididos em unidades e, posteriormente, categorizados. Assim é possível construir novos argumentos de teorias *a priori* ou emergentes. A proposta da construção do *podcast* e da análise discursiva é que seja um trabalho contínuo, em que, a partir da ação e envolvimento das(os) estudantes, assuntos como o enfrentamento da desigualdade de gênero estejam cada vez mais presentes dentro do ensino, possibilitando novos pensamentos e ações acerca do tema.

Para chegar no momento do “gravando”, foi preciso passar por diversas etapas, e por um longo processo de aprendizados, entendimentos e produção. O termo *Podcast*, pode ser definido como um arquivo de áudio disponível para *download*, disponível em aplicativos na rede de internet. O produto de comunicação produzido, e que está sendo descrito foi nomeado como: “*Pod Mulherar o mundo*”. Ele foi dividido em três temporadas: a primeira, “*Mulherando-se*”; a segunda, “*Entrelaçando histórias para mulherar o mundo*”; e a terceira, “*Mulher solta sua voz!*”.

A primeira temporada foi intitulada “*Mulherando-se*”, na qual o assunto abordado foi mulheres que contribuem para a ciência geográfica e suas principais contribuições para as Geografias Feministas. Essas mulheres foram escolhidas com a intenção de valorizar o trabalho feito por mulheres na ciência geográfica, principalmente as que pesquisam gênero, educação e questões sociais regionais. Esta temporada foi roteirizada e desenvolvida pela autora do trabalho. A produção da primeira temporada foi iniciada em março de 2023, e englobou a pesquisa da biografia e da trajetória de vida de algumas Geógrafas brasileiras, que estudam Geografia e Gênero, ensino e espaço, além da Geografia local (região do vale do Contestado). A Plataforma *Lattes* foi muito importante para a coleta de dados. Para a pesquisa, também foram utilizadas vídeo aulas ou palestras que estão disponíveis no *youtube*. Após a finalização dos primeiros roteiros, já iniciaram as gravações e edições, todas feitas no programa *Audacity*.

Ao todo, foram produzidos seis episódios com cerca de dez minutos cada um. Eles começaram a ser postados no dia 5 de maio de 2023, sexta-feira, e nas seis sextas-feiras seguintes na plataforma *spotify*. A segunda temporada foi intitulada “Entrelaçando histórias para mulherar o mundo”. A aplicação do projeto para a realização desta temporada iniciou em março, especificamente na semana do dia internacional das mulheres. Neste período, foram trabalhados com os estudantes do oitavo ano da EMEB Dr. Ulysses Guimarães, os dados sobre as violências que as mulheres sofrem/sofreram no Brasil e no município de Caçador. A partir destas aulas, foram realizadas conversas sobre os tipos de violências, como elas são iniciadas, quais os meios para denúncias e as leis vigentes de proteção à mulher. Estas discussões suscitaram um debate sobre o machismo, muito presente na sociedade, o que levou a discussões sobre como os estudantes são educados, o que são ensinados a pensar, e de como a cultura machista tem mudado aos poucos.

No mês de maio, iniciou-se as aulas para a formulação dos roteiros, baseando-se nos áudios produzidos pela pesquisadora e publicado no *Spotify*, de forma expositiva. Ao longo dos encontros, foram apresentadas as geógrafas retratadas nos episódios do podcast, por meio de sua trajetória de vida, principalmente profissional. Mostrar um pouco da vida das geógrafas, teve como objetivo incentivar os estudantes em suas pesquisas, para a realização dos áudios, e para que eles pudessem perceber que a geografia vai além do que aprende em sala de aula. Além disso, foi orientado aos alunos como eles poderiam organizar os seus roteiros e que, se eles usassem a fala de alguém, deveriam colocar aspas, bem como salvar as fontes das informações. Orientou-se também como eles poderiam iniciar e concluir os seus áudios.

Para a produção dos roteiros, houve uma parceria com um projeto de Língua Portuguesa. No início do ano, a professora de Português desenvolveu um projeto com o oitavo ano, no qual ela trabalhou com biografias de mulheres. O projeto foi intitulado de “Mulheres que mudam o mundo”. Assim, muitos estudantes utilizaram as mesmas pesquisas desenvolvidas no projeto, já outros pesquisaram novas mulheres. Os estudantes que reutilizaram as pesquisas, buscaram novas informações para enriquecê-las, e os que pesquisaram sobre mulheres atuais, buscaram falas e vídeos para complementar seus roteiros. Esse processo de pesquisa ocorreu na sala *maker* (antigo laboratório de informática) da escola, o que levou aproximadamente quatro aulas.

À medida que os roteiros foram ficando prontos e sendo entregues, a pesquisadora começou as correções/ajustes. Dessa forma, constatou-se que havia poucas opiniões e comentários dos estudantes acerca da história das mulheres escolhidas. Para instigá-los a fazerem comentários, foram elaboradas perguntas descritivas (Onde? Como?) para serem respondidas.

Antes de iniciar as gravações, foram realizadas duas aulas expositivas (para explicar sobre o programa que seria utilizado para gravar e editar os áudios, o *Audacity*, disponibilizado de forma gratuita). Por meio de *slides*, foi explicado o funcionamento básico do programa (iniciar, pausar, parar), e sobre como eles poderiam fazer cortes nos áudios, além de orientá-los(as) sobre o que suprimir, como erros e sons de respiração. Também foi explicado como inserir um áudio de música, salvar e exportar no formato mp3.

Todas as gravações foram feitas na sala *maker*, com uma dupla de cada vez. Algumas gravações foram acompanhadas pela pesquisadora, porque aconteceram durante as aulas de Geografia e outras, na hora atividade, que contou com a colaboração de outros professores da escola para liberar algumas duplas para as

gravações. As gravações foram feitas diretamente no programa *Audacity*, com um microfone semi-profissional (material pessoal da pesquisadora).

As edições foram realizadas com a metade da turma, no início do mês de julho, devido ao fato de haver poucos *notebooks* e de nem todos terem fones de ouvido. Por esse motivo, apenas seis duplas editaram seus áudios e, para isso, foram utilizadas três aulas seguidas. O restante da turma iniciou a confecção de cartazes para serem expostos na feira do conhecimento e, no início de agosto, outros setes editaram seus áudios. Como a turma optou por utilizar uma trilha sonora única, foi a pesquisadora que escolheu e inseriu em todos os áudios. Ao todo, foram produzidos 13 (treze) áudios, contudo, apenas 7 (sete) foram publicados, seguindo as autorizações dos estudantes e seus responsáveis.

Os áudios foram sendo publicados ao longo de duas semanas, na média de três por semana. Este projeto também foi apresentado na Feira do Conhecimento da escola, no mês de agosto, e escolhido pela comunidade escolar para a 1ª Mostra Municipal do Conhecimento, que ocorreu no mês de setembro. Além disso, o projeto também foi divulgado por meio de um perfil no *Instagram* denominado @podmulheraromundo. Nele, estão divulgados todos os áudios e algumas postagens extras com dicas de livros e reflexões com bases em autoras(es) feministas. A terceira e última temporada do podcast foi intitulada “Mulher: solta sua voz!”, na qual ocorreu a análise dos debates levantados, principalmente pelas(os) estudantes. Esta temporada trata de uma “metanarrativa”, a partir da qual surgiu a análise do discurso (metatexto). Essas três partes foram divididas em vários episódios e estão disponíveis na plataforma *Spotify*, cuja utilização é gratuita.

## MULHERANDO-SE E ENTRELAÇANDO-SE: DESCRIÇÕES DOS ÁUDIOS PRODUZIDOS

O *podcast Pod Mulherar o Mundo* é o produto desta pesquisa e tem o intuito de falar sobre mulheres para enaltecer suas trajetórias, bem como mostrar a outras mulheres que elas podem e devem ter suas próprias histórias e trajetórias. Este *podcast* começou a ser organizado no mês de março de 2023, com a criação da conta na plataforma e aplicativo *Spotify for Podcasters*. A primeira temporada iniciou no mês de maio, com a publicação de um áudio de apresentação, descrevendo o objetivo do podcast e explicando que ele pertencia a um projeto de mestrado.

A primeira temporada se intitula “Mulherando-se”. Ela foi realizada pela pesquisadora, que formulou os roteiros, gravou e editou os áudios, com o objetivo de instigar e incentivar que os estudantes também se dedicassem em suas produções, bem como mostrar para os estudantes e para o mundo a trajetória, história e pensamentos de geógrafas brasileiras tão importantes para esta ciência.

Ao todo, foram produzidos seis áudios sobre geógrafas que se dedicam à pesquisa de gênero, espaço, ensino e geografia regional. As pesquisadoras selecionadas foram: Joseli Maria da Silva, Ana Fani Alessandri Carlos, Lana de Souza Cavalcanti, Maria das Graças Silva Nascimento Silva, Diane Daniela Gemelli e Rosa Ester Rossini, conforme apresentado e detalhado por Goronski (2024).

A segunda temporada do *podcast* foi intitulada “Entrelaçando histórias para mulherar o mundo” (anexo 2). Foram os estudantes que produziram o seu roteiro, gravaram e editaram os áudios. Ao todo, foram 13 áudios realizados, que retrataram mulheres diversas. Os estudantes escolheram mulheres históricas, da mídia, esportistas, filósofas, políticas e da comunidade. Os áudios produzidos e que não

foram publicados são os seguintes: Marta Vieira da Silva, Maria Quitéria, Miraildes Maciel Mota (Formiga), Sonia Guajajara, Chica Pelega e Frida Kahlo. Foram publicados sete áudios produzidos pelos(as) estudantes, todos com as devidas autorizações, entre o final de julho e o início de agosto de 2023. Na maioria das figuras que compõem as descrições dos áudios, estão os desenhos das mulheres retratadas nos áudios, desenhadas pelos próprios estudantes. As mulheres pesquisadas nestes áudios foram: Dona Ita: Itamira Gonçalves, Glória, Dandara dos Palmares, Dora Varella, Enedina Alves Marques, Maria da Penha e Angela Davis (Goronski, 2024).

O *podcast Pod Mulherar o Mundo* está disponível na plataforma de áudio *Spotify*, a qual proporciona ao público ouvir *podcasts* de forma gratuita. Ele tem aproximadamente trinta e cinco seguidores, com um total de duzentos e noventa e três reproduções e uma média de onze streamings por episódio. O episódio mais ouvido foi o da Dona Ita, com quarenta e quatro streamings. O público é composto de 97% de brasileiras(os) e os outros 3% estão divididos entre Estados Unidos, Bélgica, Reino Unido e Portugal. A idade da maioria dos ouvintes está na faixa de 23 e 27 anos (24%), e na faixa de 28 e 34 anos (41%), sendo a maioria de mulheres (74%) seguida de homens (18%) e não binários ou não especificados (9%).

Há ainda a terceira temporada intitulada “Mulher solta a sua voz” (apêndice B), em que ocorreu uma análise de todas as produções e discussões em sala de aula, juntamente com a teoria presente nesta pesquisa.

Ao contar histórias, sobre nós ou sobre outras personagens, inserimos referências, vivências, representações e novas perspectivas no imaginário de quem ouve, inspirando uma troca de sensações, ideias e ensinamentos para o pensar e agir; então, é essencial refletir em como essas histórias estão sendo construídas e ouvidas. (Croft, 2023, p. 21).

Como aponta Croft (2023), é preciso contar histórias e deixá-las registradas. Os(as) estudantes, ao pesquisarem sobre diversas mulheres, e ao produzirem seus áudios também refletiram um pouco sobre suas vivências e sobre seus pensamentos. Este projeto foi uma possibilidade de mudança (que pode ser mínima) do padrão que a sociedade está moldada, que possibilitou que esses jovens conhecessem diversas mulheres, e soubessem o que elas enfrentaram ao longo de sua trajetória, e que puderam pensar, refletir e agir.

O *Pod Mulherar o Mundo* é um projeto de *podcast* que vai ter continuidade, principalmente dentro de sala de aula. O objetivo futuro é continuar a produzir os áudios com os(as) estudantes, mudando um pouco a forma de produzir a cada ano que passa. Acredita-se que o projeto funcionou, dentro do seu propósito e, portanto, é preciso que haja a sua continuidade, para que possibilite uma mudança na sociedade. Ao se pensar em escola, para que haja uma mudança no ambiente escolar, é preciso que seja realizado um trabalho contínuo, para que os estudantes possam se identificar e ter expectativas para participarem deste momento.

## MULHER SOLTA SUA VOZ: ANÁLISE

A frase “Mulher solta sua voz!”, faz alusão às muitas mulheres que, ao longo de sua história e trajetória, foram silenciadas, não ouvidas e ignoradas. Esta pesquisa traz a possibilidade das histórias e trajetórias de diversas mulheres serem

ouvidas e reconhecidas, por meio dos áudios publicados, os chamados *podcasts*. Nesse sentido, é importante destacar que um *podcast* é uma ferramenta de comunicação ou, como destaca Primo (2005, p.1), “[...] *podcasting* é um processo mediático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na Internet”. Já Aline Hack explica melhor o significado deste termo.

Atualmente, compreendemos *podcast* como a soma de ações de consumo e distribuição, composto pelo radical *pod*, hoje entendido como produto sob demanda (*product on demand*), e pelo afixo *cast*, parte da palavra *broadcast*, que significa difusão. Nesse sentido, *podcasting* se torna verbo quando a ação definida pelo gerúndio *ing* traz movimento e contexto aos atos de produzir conteúdo em áudio, distribuí-lo mediante assinaturas e otimizar seu consumo contínuo. (Hack, 2023 p. 203).

Neste sentido, a distribuição dos áudios, por meio dessas ferramentas e da rede de internet, é essencial para possibilitar contar histórias e refletir sobre elas. Sendo assim, nesta pesquisa formulou-se o “*Pod Mulherar o Mundo*”, que neste momento terá a análise voltada para a sua segunda temporada de áudios, intitulada “Entrelhaçando histórias para mulherar o mundo”. Estes áudios foram inteiramente formulados e produzidos pelos estudantes, os quais abordam a trajetória de mulheres da história, do esporte, da mídia, da ciência e da comunidade.

A abordagens sobre a trajetória das mulheres, a partir da produção de áudios, teve como objetivo enaltecer diversas mulheres, mas também incluir uma educação feminista na escola, contudo, de uma forma que não se tornasse maçante aos jovens, e sim interessante e instigante. A professora bell hooks defende a expansão do feminismo para todos, afirmando o quanto ele foi positivo ao longo dos anos.

A maioria das pessoas não tem conhecimento da miríade de maneiras que o feminismo mudou positivamente nossa vida. Compartilhar pensamentos e práticas feministas sustenta o movimento feminista. O conhecimento sobre o feminismo é para todo mundo (hooks, 2019, p. 48).

A participação dos(as) estudantes foi muito relevante neste início do projeto, principalmente por parte das meninas, pois foram mostrados dados do próprio município relativos às violências sofridas pelas mulheres. Assim, percebeu-se que alguns estudantes, ao terem contato com estes dados, ficaram assustados(as) ou incrédulos(as), pois não sabiam que a violência contra a mulher também tinha altas porcentagens em Caçador.

Ainda há um longo caminho a ser percorrido para alcançar uma real mudança, como cita Beauvoir (2019, p. 98) “[...] a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra, e sim ao que mata”. A mulher que consegue gerar e criar, acabou, ao longo da história, sendo colocada como inferior e submissa, e o homem, por arriscar-se a matar, tem a superioridade, ou seja, a violência sempre esteve presente nas relações humanas e ainda determinou os papéis sociais, papéis esses que precisam ser pensados, conversados e refletidos pelos jovens estudantes, para não continuarem a reproduzi-los. Foi essa discussão que ocorreu em sala de aula, abrangendo questões como: quais os papéis que eles têm na sociedade, por que muitas vezes os meninos são ensinados a não chorar? Por que as meninas aprendem todas as tarefas de uma casa? Por que ainda se utiliza muito as frases “coisas de menino” e “coisas de menina”? Por que ainda hoje, muitos são educados com violência?

Para análise, dividiu-se os áudios em categorias. Os áudios que têm assuntos similares foram analisados juntos, como por exemplo, a vivência das mulheres pretas, a das mulheres no esporte. Na Figura 2, está o esquema de como foi a aplicação do projeto e da realização da análise dos áudios, neste esquema mostra que foram divididos em categorias e características para redigir as reflexões.

Figura 2. Esquema geral da aplicação e produção da pesquisa



Fonte: Goronski, 2024.

Ao total, foram produzidos treze áudios, no entanto foram publicados apenas sete. Muitos estudantes utilizaram suas pesquisas iniciais, realizadas com a professora de Língua Portuguesa, ou seja, muitos já tinham suas mulheres escolhidas, e os que escolheram uma nova personalidade tiveram total liberdade de escolha em suas pesquisas. É importante destacar que em todas as produções os(as) estudantes fizeram reflexões, alguns com maior ou menor profundidade.

As mulheres escolhidas foram diversas, sendo que três áudios retrataram mulheres do esporte: a Marta e a Formiga, jogadoras de futebol (áudios não publicados) e a Dora Varella, skatista. A dupla que escolheu falar sobre Formiga era composta de meninos. Observando esta escolha, é possível perceber uma identificação dos meninos com a Formiga devido ao futebol, que é uma atividade esportiva que eles gostam muito. Nesses três áudios, é possível perceber que os estudantes descrevem como a trajetória dessas mulheres foi difícil, por serem esportes majoritariamente masculinos, e de como essas mulheres se orgulham de serem referências para outras meninas.



No áudio sobre a Formiga, os meninos trazem o seguinte: *“Achamos que o futebol feminino importante para ganhar mais direitos da mulher e para mostrar que as mulheres são importantes para nós e que tem muito potencial.”* Já no áudio publicado sobre a Dora Varela, as estudantes trazem a seguinte reflexão: *“Os esportes radicais no geral ainda não têm muitas mulheres por medo de julgamentos de outras pessoas e comentários machistas surgem também comentários dizendo que a mulher é fraca, sensível, por conta dessas opiniões assim que as mulheres e garotas não seguem seus sonhos.”* Nesse sentido, é possível analisar a ocupação dos espaços por parte das mulheres, pois os espaços e territórios são pensados e produzidos para os homens, e nos esportes não é diferente. Por muito tempo, as mulheres foram proibidas de jogar futebol no Brasil, além de sempre serem colocadas como um corpo frágil e fraco, assim, esportes de contato ou perigosos como o skate, eram considerados masculinos e inadmissíveis para meninas.

De acordo com Silva (2007, p. 37), a “[...] história dos espaços também envolve a força, tanto física, como simbólica e, portanto, a geografia feminista quer compreender como o sujeito feminino é construído dentro das estruturas de dominação sócio-espaciais”, ou seja, como as mulheres tem dominados os espaços majoritariamente masculinos? Quais dificuldades têm enfrentado? Nos áudios que retratam essas mulheres do esporte, principalmente o da Marta e da Formiga, estão bem destacados nas falas das jogadoras as dificuldades encontradas por elas para ingressarem no esporte.

Também foram retratadas algumas mulheres históricas brasileiras, três delas foram consideradas guerreiras de uma forma literal. As mulheres em questão foram Maria Quitéria, Chica Pelega (áudios não publicados) e Dandara, que enfrentaram batalhas e são inspirações atuais. No caso de Chica Pelega e Dandara, não há fatos históricos que comprovem a sua existência. Em ambos os áudios, os estudantes deixam isso muito claro, mas também deixam muito claro que as histórias sobre essas mulheres se tornaram referência e acabaram representando outras muitas mulheres que existiram na época e lutaram por sua liberdade, pelo direito à terra e a favor de seu povo.

Maria Quitéria, a primeira mulher a entrar para o exército brasileiro, também teve sua história apagada por muito tempo. Esses áudios nos trazem reflexões de como a história é contada, muitas vezes, por uma única perspectiva, e que sempre tem um viés, ou seja, normalmente a história contada em massa é a do homem branco, hetero e de elite. Neste sentido, é importante refletir sobre o que Chimamanda (2019, p. 22) traz em uma fala sobre “o perigo da história única”: *“É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”*. Quando se considera apenas quem detém o poder importante para história daquele lugar, ou quando se deixa quem detém o poder contar a história de outras pessoas, sem ao menos ter vivido de fato aquilo, a história não é contada com veracidade e não mostra de fato o que aqueles grupos de pessoas gostariam de mostrar e representar.

Nesses áudios, (as)os estudantes relatam a força e determinação dessas mulheres, e de como elas são importantes para a história de nosso país e região. No áudio de Maria Quitéria, as estudantes dizem o seguinte: *“Ainda há muito preconceito com mulheres que desejam servir ou que servem o exército porque os homens se acham superiores as mulheres por acharem que elas são frágeis. Eles acham que as mulheres só servem para cozinhar, limpar e cuidar dos filhos, algumas mulheres são criadas com esse pensamento de que servem só para limpar, cozinhar e cuidar dos filhos. Mas na realidade elas podem fazer o que elas*

quiserem”. Esta fala traz mais uma reflexão sobre os espaços serem majoritariamente masculinos, e de as mulheres não serem aceitas neles.

Outra mulher histórica retratada nos áudios foi Enedina Alves Marques, que foi pioneira na engenharia brasileira. Neste áudio as estudantes trazem algumas reflexões também sobre o espaço masculino, mas com o agravante do preconceito racial. Elas dizem o seguinte: *“Enedina demonstra ser vaidosa em sua vida pessoal/ mas uma pessoa enérgica e rigorosa na obra da usina/ isso mostra como na época as mulheres tinham que se mostrar mais sérias e rígidas/para serem tratadas com respeito em um ambiente de trabalho ocupado por homens/ sem falar do fato de Enedina ser negra/ e que as tratavam com muito mais preconceito”*. As estudantes, em seu áudio, estão abordando os efeitos da Interseccionalidade que a Enedina sofreu na época, e que muitas mulheres sofrem por serem mulheres negras e estarem em espaços considerados dos homens brancos. A Interseccionalidade é abordada por diversas pesquisadoras, como Patricia Hills Collins e Sirma Bilge definem o seguinte:

A Interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a Interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A Interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (Collins; Bilge, 2021, p.15-6).

As estudantes claramente compreendem as intersecções de gênero e raça que Enedina viveu. Elas também discutem em seu áudio a classe social de Enedina: *“ela trocava afazeres domésticos em troca de estudos, ela sempre soube aproveitar suas oportunidades e sua adolescência foi marcada como trabalho doméstico como era comum as outras crianças de classe baixa”*. Ou seja, as intersecções eram de gênero, raça e classe.

Em relação às questões raciais, há outros dois áudios que descrevem as trajetórias de mulheres negras, mais especificamente de Glória Maria, jornalista brasileira, e de Angela Davis, uma filósofa, escritora, professora e ativista estadunidense. Nessas duas produções, é difícil identificar as opiniões das estudantes sobre as mulheres pesquisadas. Ambas apenas colocam que foram e são mulheres importantes na sua área de atuação, mas não discutiram profundamente os aspectos sociais, raciais e de gênero. Contudo, por meio do relato de suas trajetórias, é possível analisar que ambas enfrentaram uma sociedade machista e racista para alcançar seus objetivos. Glória Maria enfrentou de maneira neutra em relação a essas questões, por exigência de sua profissão. Já Angela Davis sempre aborda questões de gênero, raça e classe, também devido sua profissão e pelo fato de ser ativista.

Ao se falar em mulheres negras, é importante deixar claro que as pautas do feminismo negro são de extrema importância, pois essas mulheres estão na base da pirâmide social, e as estatísticas sempre são as piores para elas. Sueli Carneiro (2019) afirma que para as mulheres negras, a fragilidade é um mito, pois elas sempre trabalharam desde o período da escravidão. A autora ainda diz que ser rainha do lar ou a musa idolatrada é outro mito, já que na sociedade racista uma mulher negra não tem “boa aparência”, ou seja, as mulheres negras sempre foram

tratadas como uma coisa, e o feminismo inicial nunca incluiu essas mulheres em suas pautas. Angela Davis também traz esse ponto no seu livro “Mulheres, raça e classe”, retratando que, nos Estados Unidos, as feministas queriam conquistar o voto antes dos homens negros, pois para elas era inadmissível o homem negro ter o direito ao voto antes delas.

O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em especial, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial como a questão de gênero na sociedade brasileira (Carneiro, 2019 p.315).

Ainda no que se refere a questões de gênero e de raça, sob outra perspectiva, há o áudio não publicado sobre Sonia Guajajara, que atualmente está à frente do ministério dos povos originários. Neste áudio, os estudantes contam sua trajetória desde a infância, e relatam algumas falas de Sonia sobre ser mulher indígena no Brasil, nas quais ela aborda a invisibilidade da mulher indígena, alegando que elas só tinham papéis somente na aldeia, mas que isso vem mudando com o tempo. Ela também aborda sobre a importância dos povos indígenas na preservação. Neste áudio, os estudantes também não expressaram muito bem suas reflexões. Contudo, é possível compreender que mesmo na cultura indígena as mulheres ocuparam e ocupam espaços diferentes dos homens, ainda que haja uma organização diferente da sociedade capitalista. Os papéis de poder, em sua maioria, eram e são destinados aos homens. Nesse sentido, Oliveira afirma que:

São muitas mulheres indígenas que hoje vêm lutando pelo protagonismo de se expressar e batalhar pelo que acreditam. Elas atuam ensinando às suas comunidades que não pretendem tirar os direitos dos homens, mas lutar ao lado deles. Lutar em pé de igualdade, para assim fortalecer as lutas de suas comunidades e suas lutas específicas por direitos de mulher guerreira, por respeito e status dentro da sua comunidade (Oliveira, 2017 p. 302).

É importante compreender, também, que as pautas das lutas de mulheres que vivem nas aldeias são diferentes das mulheres indígenas que vivem no espaço urbano. Ou seja, as lutas feministas são diversas nos mais diferentes espaços vividos, e como a cultura não é estática, elas podem sim conquistar os direitos almejados.

Uma produção de áudio, em especial, foi simbólica para a pesquisadora como professora. O áudio em questão relatou Frida Kahlo (áudio não publicado), teve a duração de dois minutos e foi produzido por um estudante com dificuldade de aprendizado que estava muito ansioso para gravar com o “microfone da prof”. Esse áudio não aborda de fato toda a trajetória de Frida, mas mostra a superação na escrita e na leitura de uma criança, que mesmo com todas as dificuldades estava ansioso e empolgado para realizá-lo.

Outro áudio publicado foi sobre a Maria da Penha, produzido por dois meninos. Na 1ª Mostra de Conhecimento da Rede Municipal, um professor visitante, ao comentar o projeto, ressaltou como é significativo dois meninos falarem sobre a Maria da Penha, pois quem pratica violência contra a mulher são os homens. Neste

áudio, eles trazem toda a trajetória da Maria da Penha, até os momentos da violência sofrida. Também apresentam alguns dados estatísticos sobre a violência contra as mulheres. Esses estudantes trazem as seguintes considerações ao final do áudio: *“Achamos que é muito grande o número de mulheres que sofrem violência, porque os homens as consideram como frágeis. Para nós como meninos, se soubéssemos ou estivéssemos presentes em uma situação de violência contra mulher, nós denunciaríamos porque acreditamos que isso não é algo que se faça. Acreditamos que as mulheres demoram ou não conseguem denunciar porque geralmente elas são ameaçadas de morte e tem medo de morrer”*.

Dada a organização social de gênero, de acordo com a qual o homem tem poder praticamente de vida ou morte sobre a mulher (a impunidade de espancadores e homicidas revela isso), no plano de fato, a mulher, ao fim e ao cabo, é vítima, na medida em que desfruta de parcelas muito menores de poder para mudar a situação. No que tange à violência de gênero, não é difícil observar que a mulher é considerada um mero objeto não apenas por seu agressor, mas por ela mesma (Saffioti, 2019, p.151).

Saffioti ressalta que, muitas vezes, nem a própria mulher consegue se ver como um sujeito, o que pode se dar pelo fato de a violência contra mulher está naturalizada na sociedade. Pelo comentário dos meninos, percebe-se que eles compreenderam que, em muitos casos, as mulheres estão presas nos relacionamentos, seja por dependência emocional ou financeira. Além disso, eles deixaram claro em seus comentários a importância de se fazer a denúncia em caso de violências. A importância de eles terem pesquisado sobre a mulher que foi essencial na criação da lei de proteção às mulheres, é enorme, pois ao conhecerem a sua história, refletiram sobre o porquê de homens fazerem isso com mulheres. Esse é um importante passo para mudança de alguns pensamentos que são misóginos.

Por fim, outro áudio publicado foi referente à Dona Ita, uma mulher da comunidade em que a escola está inserida. Este áudio foi produzido por uma menina e um menino, neto de Dona Ita. Este foi o áudio que teve mais visualizações, devido ao fato de retratar uma mulher que a comunidade conviveu. Foi um áudio muito significativo, pois valoriza uma mulher que estava ali, pertencia àquele lugar, e valoriza as pequenas ações dela para sua comunidade. É o que bell hooks traz em seu livro *“Pertencimento: uma cultura do lugar”*, em que aborda como se entendeu como mulher preta, feminista e quando percebeu a importância de seus antepassados e do lugar em que viveu grande parte de sua vida, além dos costumes e cultura que tinham sua mãe e sua avó. Neste livro ela traz a seguinte reflexão:

O movimento feminista, com seu foco em recuperar a história das mulheres e contar sua trajetória, foi o contexto político e social cuja demanda pela reivindicação da voz individual e coletiva das mulheres estava ligada à valorização do diferente, considerando uma cultura de raízes (hooks, 2022, p. 207).

É possível perceber no áudio a valorização da trajetória de Dona Ita, no qual os estudantes ressaltam duas vezes que ela era *“[...] uma mulher empoderada, independente, uma mulher que sempre soube mostrar sua força, e que toda mulher é forte e guerreira”*. Além disso, eles ressaltam que ela lutava para as melhorias de

sua comunidade. A história de Dona Ita ficará eternizada neste áudio, mostrando seu lugar de pertencimento e suas raízes.

Produzir esses áudios com os estudantes permitiu perceber a compreensão deles sobre a importância de se valorizar e contar a história de diversas mulheres. Muitos deixaram registrados seus pensamentos e reflexões deixando claro que as mulheres são importantes para a história, para a construção da sociedade, para seus lugares de vivência. Esta análise está presente no podcast, na última temporada intitulada “Mulher! Solta sua voz”.

Com base nas discussões realizadas, é possível apontar que:

- 1) As Geografias Feministas é uma área da ciência geográfica pouco valorizada, que precisa de mais espaço na pesquisa e, quando se fala em Ensino e Geografias feministas, há uma inclusão e discussão menor ainda;
- 2) Os currículos das escolas e da própria Geografia precisam se tornar mais diversos, e incluir assuntos pertinentes, como por exemplo, ensino de gênero e ensino antirracista;
- 3) As Geografias Feministas ainda são pouco discutidas dentro do ensino de Geografia. Neste sentido, é preciso encontrar formas de incluir essa discussão, como o podcast, como descrito nesta pesquisa;
- 4) A abordagem das desigualdades de gênero dentro do ensino tem uma grande importância na formação das(os) estudantes que, muitas vezes, no ambiente familiar, presenciam diversas violências devido a forma em que nossa sociedade está construída, que segue nas raízes do patriarcado e conservadorismo;
- 5) O *podcast*, como uma metodologia, propicia que a(o) estudante tenha maior envolvimento com o assunto estudado, pois faz com eles(as) participem ativamente da produção, proporcionando uma maior aprendizagem;
- 6) Utilizar o *podcast* para abordar temas considerados tabus na sociedade, como a desigualdade de gênero, é uma metodologia que proporciona que o(a) estudante reflita e converse sobre o assunto;
- 7) Produzir *podcasts*, abordando as histórias e trajetórias de diversas mulheres, fez com que as(os) estudantes compreendessem que mulheres podem ser tudo o que quiserem ou ocupar todos os espaços, mas que também existem obstáculos enfrentados por elas e que os homens não enfrentam.

Esses e outros apontamentos reforçam que o ensino de Geografia, bem como o ambiente escolar, precisa ter uma mudança, para tornar a educação mais abrangente. Além disso, pode-se afirmar que as Geografias Feministas são muito relevantes, principalmente para que os(as) estudantes compreendam que as mulheres têm uma percepção e vivências diferentes das dos homens na sociedade, contudo elas devem ter o mesmo direito que eles. Portanto, essas percepções e estudos precisam estar cada vez mais incluídas no ensino, seja por meio de ferramentas metodológicas, como o *podcast*, ou por outras formas de ensino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitos os desafios a serem enfrentados, dentro do Ensino Básico, para que se possa incluir questões de gênero, em seus mais diversos aspectos e incluir as Geografias Feministas nos currículos escolares. Um dos motivos está ligado à sociedade, que vem ao longo dos anos abraçando cada vez mais o

conservadorismo e tudo o que é diferente é rechaçado ou considerado “mimimi”<sup>4</sup>. Outro motivo é que, dentro da própria ciência geográfica, ainda há uma certa aversão às questões sociais, principalmente relacionadas ao gênero. Neste sentido, as considerações serão divididas em duas partes: a importância do ensino das Geografias Feministas; e os *podcasts* como metodologia de ensino, com ênfase para o enfrentamento das desigualdades de gênero.

As Geografias Feministas, aos poucos, têm ganhado espaço dentro da Ciência Geográfica. Hoje existem diversos(as) pesquisadores(as) na área renomados(as) no assunto. Utiliza-se o termo no plural porque os estudos na área têm como objetivo abordar as diferentes vivências, pois se entende que as vivências não são únicas, estando relacionadas a diversos fatores, como por exemplo cor da pele, gênero, orientação sexual e classe. Neste sentido, não se deve confundir as Geografias Feministas com a “geografia de mulheres”, pois, quando é abordado geografia e gênero, está se envolvendo todos os indivíduos.

Há uma confusão entre o recorte de grupo a ser analisado pelo pesquisador e a opção conceitual que estrutura o modelo de análise. O conceito de gênero foi adotado pelas geógrafas feministas com a perspectiva crítica à utilização da categoria mulher, em geral, associada à diferenciação sexual de corpos e analisada de forma isolada (Silva; Nabozny; Ornat, 2011, p. 23).

Sendo assim, é possível fazer recortes nos grupos sociais estudados dentro das Geografias Feministas que, no caso desta pesquisa, foi um estudo voltado para as mulheres e suas vivências. Por este motivo, esta pesquisa visou analisar a contribuição das Geografias Feministas para o componente curricular Geografia.

A Geografia escolar, de um modo geral, acompanha as pesquisas acadêmicas, e inclui, de uma forma didática, os novos conhecimentos. Porém, as pesquisas sobre gênero e mulheres ocorrem no Brasil desde as décadas de 1980 e 1990, e pouco vem se discutindo esse assunto dentro do ensino de Geografia e, menos ainda, no ambiente escolar. Abordar o assunto diversidade, vai além das aulas de Geografia, e deveria ser discutido no espaço escolar como um todo, uma vez que, as escolas têm estudantes diferentes entre si, e é importante incluir todos(as) nesta discussão. Contudo, pensando nas aulas de Geografia, incluir as pesquisas das Geografias Feministas é necessário, pois trata-se de um ensino que vai pensar, analisar e questionar os diferentes espaços para todas as pessoas. Assim, passa-se a ensinar de forma decolonial, ou seja, deixa-se a visão do colonizador de lado, e se leva os(as) estudantes a questionarem os acontecimentos de sua vivência, questionando textos e imagens de livros, entre outros. Neste sentido, conforme apontado pelos autores é preciso ter responsabilidade e construir “saberes que libertam”.

[...] ao produzirmos um saber sobre determinada realidade, simultaneamente somos constituídos e somos constituintes dessa realidade. Neste sentido, a atitude reflexiva de nossas escolhas epistemológicas e metodológicas é fundamental para construirmos os saberes que libertam e não os que enquadram e aprisionam (Silva; Nabozny; Ornat, 2011, p. 39).

---

<sup>4</sup> Uma expressão usada para na comunicação informal, utilizada para dar o tom de queixa, reclamação ou algo pouco pertinente.

Nesta pesquisa, a abordagem das Geografias Feministas teve como objetivo a valorização das mulheres e o enfrentamento da violência. Esse assunto foi incluído dentro das aulas por meio de dados estatísticos das violências sofridas por mulheres no município de Caçador e no Brasil, o que permitiu que as(os) estudantes debater o assunto por meio de questionamentos, além de entenderem a problemática da violência. Como uma forma de promover a valorização das mulheres, houve a produção dos *podcasts*. A abordagem do assunto ocorreu desta forma para que os(as) estudantes compreendessem o que muitas mulheres enfrentam na sociedade, o porquê de muitos homens as enxergarem como objeto ou propriedade e que a violência nunca é o melhor caminho. Foi fundamental que os estudantes conhecessem as histórias dessas diversas mulheres e suas trajetórias, e compreendessem que elas não precisam se envolver (necessariamente) com violências, casamento e maternidade, e que existem outros caminhos, porém, com muitos obstáculos.

Para a aplicação de todo esse projeto, foi utilizada a proposta metodológica de produção de *podcast*, que é o produto educacional desta pesquisa. O *podcast* é intitulado “*Pod mulherar o Mundo*”, fazendo uma intertextualidade com o termo “melhorar”, e apresenta produções de áudio da pesquisadora. Essas produções tiveram dois objetivos diferentes: o primeiro era divulgar o trabalho de geógrafas brasileiras e, o segundo, era incentivar os(as) estudantes em suas produções. A escolha do *podcast* como metodologia, deu-se pelo fato de ser uma ferramenta tecnológica que muitas(os) estudantes já têm contato, além da produção dos áudios possibilitar um total envolvimento dos(as) estudantes no projeto, desde a produção de roteiro, gravação e edição do áudio. Todas essas etapas de produção dos áudios têm uma relevância muito grande para o aprendizado, pois ao pesquisar e construir um roteiro a(o) estudante precisa fazer diversas pesquisas e leituras, relacionando todos os dados, depois gravá-lo. Sendo assim, é uma metodologia que pode ser utilizada para qualquer assunto da ciência geográfica, possibilitando que o(a) estudante se envolva e aprenda mais, por ser uma metodologia participativa. Além disso, trata-se de uma forma mais atrativa para trabalhar com assuntos que são considerados tabus na sociedade, como cita Croft (2023, p. 39) “não podemos nos limitar ao mero modo de entretenimento, pois temos a capacidade de evidenciar ou criar padrões plurais sociais”, e aplicar isto em sala de aula, é proporcionar essa pluralidade, e talvez mudar alguns padrões.

O *Pod Mulherar o Mundo* é um *podcast* que foi para além das quatro paredes da sala de aula, pois muitos áudios estão públicos para serem ouvidos por todos(as), as pessoas na plataforma *Spotify*. Além disso, trata-se de um projeto em que as(os) estudantes refletiram e conversaram muito, e que também é um projeto para toda a sociedade, principalmente para as meninas e mulheres, para que elas compreendam que podem ser o que quiserem e estar onde quiserem, tendo como objetivo de ajudar na emancipação feminina e na diminuição da violência contra a mulher. Pensando nisso, bell hooks (2019, p. 150) aborda que “Políticas genuinamente feministas sempre nos transportam da servidão à liberdade, da falta de amor ao amor”, e este *podcast* pode ser um passo para proporcionar mais liberdade e amor para as mulheres.

Portanto, esta pesquisa e este projeto não se encerram, há muita discussão a ser feita sobre as Geografias Feministas dentro do ensino de Geografia. A educação é um trabalho contínuo, e a inclusão desta discussão também deve ser contínua. O *podcast* também não se encerra, pois entende-se que é instrumento pertinente de

aprendizado das(os) estudantes, bem como de divulgação de atividades da sala de aula, de assuntos relacionados ao feminismo, geografia e mulheres. A continuidade do projeto é necessária para que todos, todas e todes mulherem-se.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BANDEIRA, Loudes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo I: Fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019

BRANDS, Amanda Rech; SAVIAN, Carla Pizzutti; SPODE, Pedro Leonardo Cesar; BATISTA, Natália Lampert. Onde a Geografia está? Nos livros e na vida! Multiletramentos e o incentivo à leitura como prática geoescolar. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, v. 5., n. 3, p. 1 – 20, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Senado Federal. **Pesquisa DataSenado: Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher**. Instituto pesquisa DataSenado/ Secretaria de Transparência, 2021  
BRASIL. **Temas contemporâneos transversais na BNCC**. Brasília: MEC, 2019.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: Conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de Geografia e diversidade: Construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. CASTELLAR, Sonia (org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2019.

CRUZ, Sónia Catarina. O podcast no ensino básico. CARVALHO, Ana Amélia Amorim, org. – **Encontro sobre Podcasts**. Braga: CIED-UM, 2009.



FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. et al. Aprofundamento de uma estratégia de classificação para podcasts na educação. **International Journal of Innovation**, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 391 – 411, set./dez. 2015.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Podcast na educação Brasileira**: Natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013

GORONSKI, Maysa Aparecida. **Mulherando o mundo**: enfrentamento da desigualdade de gênero como perspectiva da Geografia no Ensino Fundamental. 2024. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em ensino de Geografia em Rede Nacional) - Instituto Federal Catarinense, Brusque/SC, 2024.

HACK, Aline. Olhares Podcast: fenômeno cultural, narrativas e identidades feministas. HACK, Aline (org). **Feminismos e podcasts**. São Paulo: Blimunda, 2023

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

hooks, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. São Paulo: Elefante, 2022.

LINS, Beatriz Accioly. MACHADO, Bernardo Fonseca. ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(3):621-626, 2012.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2016.

OLIVEIRA, Marize Vieira de. Mulheres indígenas: da invisibilidade à luta por direitos. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro**: Formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SANTOS, Francisca Kananda Lustosa dos; NASCIMENTO, Elaine Ferreira do. Educação Transgressora no Espaço Escolar: Considerações sobre Corpo em uma Perspectiva Interseccional. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 12, n. 2, p. 06-18, 2021. ISSN 2177-2886.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas. Discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa – PR: TODAPALAVRA, 2009.

SILVA, Joseli Maria. Um Ensaio Sobre as Potencialidades do Uso do Conceito De Gênero na Análise Geográfica. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2007.

SILVA, Joseli Maria; NABOZNY, Almir; ORNAT, Marcio Jose. A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica: uma questão de escolhas metodológicas. SILVA, Joseli Maria. **Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas**. Ponta Grossa – PR: TODAPALAVRA, 2011

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VIEIRA, Helena. Transfeminismo. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.